

montebravo

Carta mensal

Novembro 2026

Mais Exterior, Menos Risco Doméstico

Mercados: Reprecificação e rotação sem deterioração dos fundamentos

Outubro foi marcado por elevada volatilidade nos mercados internacionais e domésticos, ainda que por razões distintas.

No exterior, a combinação de tensões geopolíticas, alta do petróleo e incertezas quanto à trajetória da política monetária americana manteve os juros pressionados no início do mês. A taxa dos *Treasuries* de 10 anos chegou a superar 5,3%, enquanto o petróleo voltou a refletir os riscos de interrupção da oferta no Oriente Médio.

No Brasil, o processo eleitoral dominou o comportamento dos ativos, com movimentos expressivos entre os dois turnos e uma forte correção após a definição do resultado da corrida presidencial.

Ao longo do mês, contudo, alguns fatores contribuíram para a recuperação dos títulos públicos americanos: (i) a perspectiva de um Congresso americano dividido após as eleições de meio de mandato; (ii) os esforços para reduzir as tensões geopolíticas; e (iii) a maior aversão ao risco nos mercados acionários.

No mês de outubro, os *yields* de 10 anos recuaram aproximadamente 35 pontos-base. O movimento foi concentrado nos juros reais, apesar da resiliência da atividade econômica.

Nas bolsas, o destaque foi a rotação setorial. Os investidores passaram a questionar a intensidade dos investimentos em inteligência artificial diante da possibilidade de maior regulação no setor. Empresas de tecnologia e semicondutores sofreram correções, enquanto setores defensivos e ações de valor apresentaram desempenho positivo.

O Nasdaq recuou cerca de 5%, em contraste com a valorização de 5% do S&P 500 *Equal Weight*, evidenciando uma mudança na composição dos retornos.

O resultado foi um mês de queda dos principais índices acionários ponderados por valor de mercado, valorização dos títulos soberanos, alta das commodities — especialmente do petróleo —, recuo do ouro e desempenho misto do dólar. Mais do que uma deterioração generalizada, esses movimentos refletiram uma mudança nos preços relativos e na concentração dos investimentos em tecnologia.

Alocação: Fundamentos e assimetrias favoráveis

Apesar disso, nossa avaliação do cenário internacional permanece construtiva. Reforçamos a visão de que parte relevante da recente pressão inflacionária está associada a fatores temporários — especialmente às tensões geopolíticas e seus efeitos sobre os preços de energia.

Entendemos que a eventual normalização desse quadro deverá favorecer uma trajetória mais benigna da inflação. Esta leitura é compatível com os indicadores de inflação subjacente, particularmente as medidas de médias aparadas, e com as expectativas de inflação, que permanecem relativamente comportadas. Ao mesmo tempo, a atividade econômica global continua demonstrando resiliência, com resultados que têm surpreendido positivamente.

A combinação de atividade saudável, perspectivas de moderação da inflação e resultados corporativos robustos sustenta nossa visão favorável aos ativos de risco internacionais. Nesse contexto, após a recente correção dos mercados, decidimos elevar a recomendação de ações globais para *overweight*, distribuindo a exposição de maneira mais equilibrada entre tecnologia e setores da economia tradicional. A decisão também se apoia na evolução dos lucros das empresas e em *valuations* que, de maneira agregada, não se mostram elevados em relação às médias históricas.

Também identificamos oportunidades na renda fixa internacional. Os níveis atuais de juros oferecem uma combinação atrativa de remuneração corrente e potencial de valorização em um cenário de normalização inflacionária.

Mantemos preferência por *duration* intermediária, entre quatro e cinco anos, distribuindo as recomendações entre títulos nominais e indexados à inflação. O ouro também permanece como instrumento importante de diversificação e proteção contra riscos geopolíticos e eventos mais extremos.

Brasil: Reversão das expectativas na eleição e gestão de assimetrias

No Brasil, o processo eleitoral foi o principal determinante do comportamento dos mercados em outubro. Após liderar o primeiro turno com 47,0% dos votos válidos, contra 45,2% de Lula, Flávio Bolsonaro terminou derrotado no segundo turno por 51,8% a 48,2%. A reversão surpreendeu o mercado, que havia incorporado aos preços uma probabilidade elevada de alternância de poder e mudança na orientação da política econômica.

A reação dos ativos foi expressiva. Após a valorização observada entre os dois turnos, o mercado devolveu os ganhos e encerrou outubro com perdas relevantes. O Ibovespa recuou aproximadamente 10% no mês, enquanto o real depreciou cerca de 5% frente ao dólar.

As taxas prefixadas apresentaram forte abertura, de aproximadamente 135 pontos-base, enquanto os juros reais subiram em magnitude significativamente menor, equivalente a cerca de um quarto do movimento nominal. A maior parte do movimento das taxas nominais foi, portanto, explicada pela alta da inflação implícita, refletindo a deterioração das expectativas domésticas.

Nossa estratégia ao longo do processo eleitoral foi orientada menos pela tentativa de antecipar o resultado e mais pela avaliação das probabilidades e das assimetrias oferecidas pelos ativos.

Desde o início do ano, trabalhávamos com a perspectiva de uma eleição competitiva e recomendamos evitar apostas direcionais. À medida que as pesquisas e os preços de mercado passaram a oferecer uma relação mais favorável entre risco e retorno, aumentamos seletivamente as recomendações a ativos domésticos, particularmente em juros e renda variável.

Essa relação, entretanto, se alterou nas semanas que antecederam o segundo turno. O resultado da primeira votação e os levantamentos eleitorais apontavam para o favoritismo de Flávio Bolsonaro, mas entendíamos que a disputa permanecia mais apertada e que estimativas de probabilidade próximas de 80 a 90% subestimavam a incerteza do resultado. Com parte importante do cenário favorável já incorporada aos preços, o potencial adicional de valorização tornava-se mais limitado — e provavelmente gradual — diante das perdas possíveis em caso de não alternância da política econômica.

Diante dessa perspectiva, sugerimos uma postura mais conservadora antes do segundo turno, com redução das recomendações em juros prefixados, títulos indexados à inflação e ações brasileiras.

Na renda variável, recomendamos privilegiar estruturas com opções, buscando preservar parte do potencial de valorização com maior controle das perdas. Essa disciplina permitiu atravessar a reversão eleitoral com menor exposição e maior flexibilidade para os ajustes posteriores.

Cenário Doméstico: desafios fiscais e riscos ao crescimento

Com a definição do resultado, o foco se desloca da disputa eleitoral para as perspectivas da política econômica a partir de 2027. A principal preocupação reside na trajetória fiscal. A combinação de endividamento (Figura 1) e déficits públicos elevados (Figura 2), carga tributária já expressiva, rigidez das despesas obrigatórias e desaceleração da atividade econômica torna o quadro particularmente desafiador e aumenta a urgência de uma mudança de direção de política econômica.

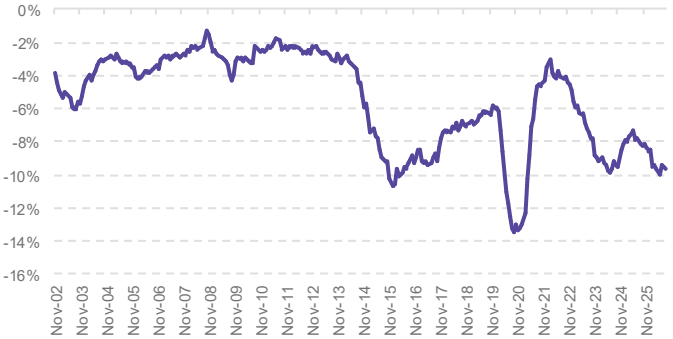
Figura 1

Dívida Bruta (% PIB)



Figura 2

Resultado Nominal (% PIB)



Fonte: Banco Central.

Nossa avaliação é que o modelo de crescimento adotado nos últimos anos, fortemente apoiado na expansão fiscal, apresenta sinais crescentes de esgotamento. Sem uma mudança de orientação da política econômica, a estabilidade macroeconômica ficará cada vez mais vulnerável, comprometendo a capacidade do país de sustentar o crescimento com inflação controlada.

Trabalhamos com cenários que contemplam a possibilidade de uma deterioração adicional. A elevação dos prêmios de risco — acompanhada de depreciação cambial e expectativas de inflação mais pressionadas — limita o espaço para redução dos juros e devem intensificar a desaceleração econômica. Não descartamos uma contração do PIB em 2027.

O comportamento do crédito também merece atenção. O elevado endividamento de famílias e empresas — combinado com juros altos e o possível enfraquecimento da atividade econômica e do mercado de trabalho — poderá comprometer a capacidade de pagamento e elevar a inadimplência. Esse movimento tende a provocar uma contração adicional da oferta de crédito, agravando a desaceleração econômica.

Na alocação, nossa preocupação é particularmente elevada com o crédito privado de maior risco, segmento em que a menor liquidez e a maior vulnerabilidade dos emissores podem amplificar as perdas. Nesse ambiente, a qualidade da análise de crédito, a seleção criteriosa dos emissores e a gestão profissional dos ativos tornam-se ainda mais importantes.

Nas próximas semanas, a definição da equipe econômica, as primeiras medidas do novo mandato e a capacidade de articulação entre Executivo e Congresso serão fundamentais para a formação das expectativas para os próximos anos.

Alocação: Prudência doméstica e diversificação internacional

Nossa principal orientação é ampliar a diversificação internacional e preservar uma postura prudente na alocação doméstica. Mesmo em um cenário favorável, com sinais mais claros de disciplina fiscal, entendemos que a recuperação dos ativos brasileiros tende a ocorrer de forma gradual.

Em contrapartida, uma deterioração das perspectivas econômicas pode provocar uma correção rápida dos mercados. Essa diferença na velocidade de reação entre os cenários reforça nossa preferência por uma postura mais defensiva neste momento.

A exposição offshore, que já representava um pilar estrutural na nossa recomendação dos portfólios, ganha importância adicional diante das incertezas. Identificamos oportunidades na taxa de câmbio, na renda fixa internacional e nas ações globais, favorecidas por um cenário macroeconômico relativamente mais equilibrado.

No Brasil, recomendamos manter um nível maior de liquidez em instrumentos pós-fixados com baixo risco de crédito. Além da remuneração corrente elevada, com a provável pausa no ciclo de corte de juros por um período prolongado, essa posição oferece flexibilidade para aproveitar oportunidades que possam surgir em momentos de maior volatilidade.

Nos títulos indexados à inflação, continuamos reconhecendo o valor estrutural das taxas reais elevadas, mas recomendamos cautela em especial em posições de maior *duration*. Nos prefixados e na renda variável brasileira, seguimos seletivos e com exposições reduzidas.

A experiência recente reforça a importância de uma gestão de investimentos orientada pela análise de cenários, disciplina de risco e, sobretudo, pela avaliação das assimetrias. Seguimos construtivos em relação às oportunidades internacionais e cautelosos no Brasil, privilegiando liquidez e flexibilidade para voltar a ampliar as exposições domésticas quando preços e fundamentos oferecerem uma relação mais favorável entre risco e retorno.

Performance das Classes de Ativos

S&P e Ouro possuem hedge cambial.

											2012-2026	
2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	Ann.	Vol.
Brent	Small Caps	Dólar	Small Caps	Dólar	Brent	IHFA	S&P 500	Ouro	Ouro	Brent	S&P 500	Brent
52.4%	49.9%	17.1%	53.3%	29.0%	50.2%	13.7%	34.4%	32.2%	74.8%	90.0%	22.4%	36.5%
Ibovespa	S&P 500	IMA-B	S&P 500	Ouro	S&P 500	CDI	Ibovespa	S&P 500	Ibovespa	S&P 500	Ouro	Small Caps
42.9%	29.5%	13.1%	35.1%	26.9%	32.9%	12.4%	26.1%	31.3%	34.1%	17.9%	15.1%	27.0%
Small Caps	Ibovespa	Ibovespa	IFIX	S&P 500	IPCA	IDA-Geral	Small Caps	Dólar	Small Caps	CDI	IDA-Geral	Ouro
35.5%	28.2%	12.8%	35.0%	20.5%	10.7%	10.6%	20.7%	27.2%	32.4%	11.8%	10.3%	21.0%
IFIX	Ouro	IRF-M	Ibovespa	IRF-M	Dólar	Brent	Ouro	CDI	S&P 500	IMA-B	IMA-B	Ibovespa
33.4%	21.5%	10.7%	27.1%	6.7%	7.3%	10.5%	20.3%	10.8%	28.6%	9.0%	10.3%	18.6%
S&P 500	IFIX	IDA-Geral	IMA-B	IMA-B	IDA-Geral	Ouro	IRF-M	IDA-Geral	IFIX	IDA-Geral	IRF-M	Dólar
25.2%	18.9%	9.1%	23.0%	6.4%	6.9%	9.2%	16.8%	8.3%	21.1%	8.0%	10.1%	17.4%
IMA-B	Brent	IHFA	Brent	IHFA	CDI	IRF-M	IMA-B	IHFA	IRF-M	IRF-M	IHFA	IFIX
24.8%	17.7%	7.1%	22.7%	5.5%	4.4%	8.8%	16.8%	6.2%	18.2%	7.7%	10.0%	16.6%
IRF-M	IRF-M	Small Caps	Ouro	IDA-Geral	IHFA	IMA-B	IFIX	IPCA	IDA-Geral	IHFA	CDI	S&P 500
23.4%	14.8%	6.8%	21.5%	5.3%	2.0%	6.4%	15.7%	4.9%	15.7%	5.3%	9.7%	13.3%
Ouro	IMA-B	CDI	IRF-M	IPCA	Ouro	IPCA	CDI	IRF-M	IHFA	IPCA	IFIX	IMA-B
21.3%	12.1%	6.4%	12.0%	4.3%	0.1%	5.9%	13.0%	1.9%	15.3%	4.3%	7.7%	10.2%
IDA-Geral	IHFA	IFIX	IHFA	CDI	IMA-B	Ibovespa	IDA-Geral	IMA-B	CDI	Ibovespa	Ibovespa	IRF-M
16.0%	12.0%	5.1%	11.1%	2.8%	-1.3%	5.6%	12.4%	-2.5%	14.3%	4.2%	7.7%	6.7%
IHFA	IDA-Geral	IPCA	IDA-Geral	Ibovespa	IRF-M	IFIX	IHFA	Brent	IMA-B	Dólar	Dólar	IHFA
15.9%	11.5%	4.0%	8.6%	0.4%	-2.0%	2.8%	9.5%	-3.1%	13.2%	-0.7%	7.4%	4.6%
CDI	CDI	Ouro	CDI	Small Caps	IFIX	Dólar	IPCA	IFIX	IPCA	Ouro	IPCA	CDI
14.0%	9.9%	2.2%	6.0%	-3.0%	-2.2%	-5.3%	4.7%	-6.0%	4.5%	-2.2%	5.6%	3.6%
IPCA	IPCA	S&P 500	Dólar	IFIX	Ibovespa	S&P 500	Dólar	Ibovespa	Dólar	IFIX	Small Caps	IDA-Geral
7.0%	2.8%	-1.1%	4.0%	-11.0%	-11.8%	-8.1%	-8.0%	-9.4%	-11.4%	-3.4%	3.8%	3.5%
Dólar	Dólar	Brent	IPCA	Brent	Small Caps	Small Caps	Brent	Small Caps	Brent	Small Caps	Brent	IPCA
-18.0%	1.8%	-19.5%	3.3%	-21.5%	-15.4%	-11.9%	-10.3%	-21.8%	-18.5%	-18.1%	0.5%	2.3%

Fonte: Quantum e Bloomberg. Dados referentes a 30/10/2026.

montebravo

Carta mensal

Outubro de 2026: Tecnologia corrige, Fed mantém os juros e Ouro tem o pior mês desde 2008

Renda Variável

Outubro foi o segundo mês seguido de queda para o S&P 500, que recuou cerca de 1% e fechou em 7.580 pontos. A média do índice esconde uma correção forte em tecnologia: o Nasdaq caiu 5,3%, o setor de tecnologia do S&P perdeu 6,8% e os semicondutores cederam mais de 15%, em meio a resultados decepcionantes de algumas gigantes e dúvidas sobre o retorno do ciclo de investimentos em IA.

O S&P 500 *Equal Weight*, ao contrário, subiu cerca de 5% no mês, refletindo a rotação para fora das líderes de crescimento. O movimento se intensificou no início de novembro: no último dia 5, o Nasdaq caiu 5,5% e o S&P 500 4,4%, as maiores quedas diárias desde abril de 2025, com os chips liderando as perdas em meio a dúvidas sobre o ritmo e o financiamento dos investimentos em IA e à incerteza regulatória após as eleições de meio de mandato.

Os fundamentos seguem sólidos, com crescimento de lucros do terceiro trimestre projetado em 31,6% pela LSEG, e a correção torna a tecnologia mais atrativa. Por isso, mantemos a preferência pelo índice *Market Weight*, que tem maior exposição ao setor.

Renda fixa

O Fed manteve os juros na faixa entre 3,75% e 4,00% no dia 28 de outubro, em votação de 10x2 — com dois membros defendendo nova alta da taxa básica de juros. O comunicado passou a descrever a economia como forte e *Warsh* não se comprometeu com alta em dezembro, mas o mercado segue vendo elevada probabilidade de um aumento na reunião do dia 9, depois de dados de inflação acima do esperado em meados do mês.

Os juros de 10 anos chegaram a superar 5% e encerraram outubro em 4,9% (vs. 5,3% no fim de setembro), com a busca por proteção durante a queda das ações de tecnologia. Os *spreads* de crédito melhoraram, com o *spread* corporativo global chegando a cerca de 130 pontos-base no dia 23, o maior nível desde maio de 2025, mas seguem comprimidos na comparação histórica, com grau de investimento perto de 85 p.b. e *high yield* ao redor de 310 p.b.

Mantemos *bonds* corporativos de grau de investimento com *duration* entre 3 e 5 anos, *Treasuries* como âncora defensiva e gestão ativa no crédito de maior risco, onde a seleção segue decisiva.

Commodities

O Brent permaneceu acima de US$ 100, na quarta alta mensal seguida, e chegou perto de US$ 116 no fim do mês, com ataques a petroleiros no Estreito de Ormuz, ataques à Arábia Saudita e relatos de que EUA e Israel preparam novas ofensivas contra o Irã.

Em novembro, a retomada das negociações mediadas pelo Catar derrubou o preço em mais de 10% na semana até o dia 6, mas o Irã condiciona a reabertura do Estreito ao fim do bloqueio americano e das sanções — e um acordo segue distante. Mantemos a alocação em energia reduzida.

O ouro caiu cerca de 7% no mês e foi para baixo de US$ 3.900 por onça — o menor nível em um ano e o pior outubro desde 2008. O metal foi pressionado pelas apostas de novas altas de juros, pela migração para renda fixa e pela saída de ETFs. Mantemos a posição, mas, no regime atual, o metal responde mais aos juros do que ao risco geopolítico.

montebravo

Carta mensal

Reprecificação dos ativos locais reforça preferência por liquidez e diversificação internacional

Títulos pós-fixados

O resultado eleitoral elevou o grau de incerteza sobre o cenário doméstico.

Antes do segundo turno, reduzimos a exposição a risco nas carteiras e ampliamos a parcela de liquidez, que passou a ocupar posição central na alocação. Os títulos pós-fixados combinam a remuneração atrativa proporcionada pela Selic em patamares elevados com a flexibilidade necessária para ajustar os portfólios à medida que o cenário se torna mais claro.

A perspectiva de maior pressão inflacionária também reduziu o espaço para a continuidade do ciclo de cortes de juros pelo Copom. A possibilidade de uma interrupção prolongada do processo de flexibilização monetária reforça a atratividade da classe.

No crédito privado, seguimos privilegiando emissores de elevada qualidade e estruturas com maior liquidez. A abertura de spreads observada em outubro, especialmente nas debêntures incentivadas, reforça a importância da seletividade e da diversificação.

Títulos indexados à inflação

Os títulos indexados à inflação permanecem como nossa principal exposição a risco de mercado doméstico. A classe apresenta uma combinação interessante de proteção e potencial de valorização em diferentes cenários.

Caso não haja um ajuste fiscal suficiente, a deterioração das contas públicas tende a ampliar as pressões inflacionárias — contra as quais as NTN-Bs oferecem proteção. Em um cenário mais favorável, de recuperação da confiança e redução dos prêmios de risco, a compressão das taxas reais também proporcionaria ganhos de capital.

Essa característica, entretanto, não elimina os riscos de marcação a mercado. Uma deterioração fiscal mais acentuada poderia provocar novas aberturas das taxas reais, especialmente nos vencimentos mais longos.

Por essa razão, reduzimos a exposição à classe entre o primeiro e o segundo turno e encerramos as posições na parte longa da curva. Mantivemos a alocação concentrada nos vértices intermediários, onde enxergamos uma relação mais favorável entre risco e potencial de retorno.

Títulos prefixados

Seguimos com baixa convicção em títulos prefixados. Em um ambiente de elevada incerteza fiscal e inflacionária, a classe exige uma visão direcional sobre a trajetória dos juros que o cenário atual ainda não permite construir.

Uma deterioração adicional das expectativas fiscais e de inflação poderia provocar novas aberturas da curva nominal. Mesmo em um cenário de desaceleração econômica, eventuais cortes da Selic sem uma melhora consistente das expectativas inflacionárias, a deterioração das expectativas poderia ampliar os prêmios de risco — especialmente nos vencimentos mais longos.

Dessa forma, mesmo após a correção recente dos preços, ainda não identificamos uma assimetria suficientemente favorável para justificar posições relevantes na classe. Preferimos aguardar maior visibilidade sobre a condução da política econômica e a trajetória da inflação.

Fundos imobiliários

A abertura das taxas de juros reais e o aumento da incerteza fiscal tendem a pressionar os fundos imobiliários, ampliando a volatilidade das cotas mesmo em ativos de boa qualidade. Nesse ambiente, a exposição à classe parece pouco compatível com a postura mais defensiva que adotamos nas carteiras.

Isso não altera nossa avaliação sobre os atributos estruturais do segmento. Os fundos imobiliários, especialmente os de tijolo, oferecem exposição a ativos reais, com contratos de aluguel frequentemente indexados à inflação e potencial de geração recorrente de renda.

São características interessantes para investidores de longo prazo, mas que não compensam suficientemente os riscos associados à trajetória dos juros reais no cenário atual.

Fundos multimercados

O resultado eleitoral evidenciou os riscos associados à concentração de posicionamentos na indústria de fundos multimercados. Uma parcela relevante das gestoras havia construído posições orientadas para um cenário de alternância de poder. A reversão das expectativas provocou perdas expressivas em diversos fundos nos pregões seguintes ao segundo turno das eleições.

O episódio reforça uma característica importante do segmento: em momentos de volatilidade, estratégias aparentemente distintas podem apresentar elevada correlação quando estão expostas aos mesmos fatores de risco.

Embora a flexibilidade dos multimercados seja um atributo importante em determinados ambientes, seguimos sem exposição relevante à classe, privilegiando maior controle sobre os riscos assumidos nas carteiras.

Renda variável

O Ibovespa encerrou outubro com perdas expressivas, refletindo a reversão das expectativas eleitorais. Após retornar à região dos 170 mil pontos no primeiro pregão seguinte ao segundo turno, o índice continuou pressionado diante da reavaliação das perspectivas para a economia brasileira.

Nossa visão para a renda variável doméstica tornou-se mais cautelosa. O desempenho das empresas depende fundamentalmente das perspectivas de crescimento, da trajetória dos juros e da inflação.

Na ausência de um ajuste fiscal crível, três vetores podem atuar de forma desfavorável: (i) menor crescimento econômico; (ii) juros estruturalmente mais elevados e; (iii) maior pressão sobre custos e margens. Essa combinação tende a comprometer as expectativas de lucros e pressionar os múltiplos de avaliação.

Embora a correção recente tenha tornado os preços mais atrativos, ainda é difícil identificar catalisadores capazes de sustentar uma recuperação consistente. Com os riscos negativos mais evidentes do que os fatores de valorização, preferimos manter uma exposição reduzida à classe até que haja maior clareza sobre a orientação da política econômica.

Câmbio e investimentos internacionais

O câmbio foi um dos primeiros ativos a incorporar a mudança de cenário, com a depreciação do real após o resultado eleitoral. O movimento reforçou a importância da diversificação internacional — não apenas como componente estrutural de longo prazo, mas também como instrumento de proteção diante dos riscos específicos da economia brasileira.

A exposição a ativos internacionais reduz a dependência das carteiras em relação ao ciclo doméstico, enquanto a manutenção de recursos em moedas fortes oferece proteção adicional em episódios de deterioração da confiança e aumento dos prêmios de risco locais.

Além disso, seguimos identificando oportunidades interessantes em ativos globais, especialmente na renda fixa e nas ações, ao mesmo tempo em que a assimetria cambial se tornou mais favorável à manutenção de posições no exterior.

Nesse contexto, ampliamos a parcela offshore dos portfólios e reforçamos nossa preferência por diversificação geográfica e menor exposição aos riscos domésticos.

Performance dos ativos no ano

BOLSAS	YTD
KOSPI	37,7%
Nikkei 225	27,7%
Colombia (COLCAP)	26,1%
Peru (BVL)	24,8%
Russell 2000	13,7%
FTSE 300	12,2%
S&P 500	10,9%
FTSE 100	10,8%
Mexico (MEXBOL)	10,7%
Nasdaq	9,1%
Euro Stoxx	8,7%
Dow	8,4%
Chile (IPSA)	8,0%
Brasil (IBOV)	**4,2%**
Shanghai	-7,3%
Hang Seng	-7,3%
CSI 300	-12,5%

MOEDAS	YTD
Colombia (COP)	15,4%
Coroa Norueguesa (NOK)	8,8%
Australia (AUD)	5,4%
Renminbi / Yuan (CNY)	4,8%
Russia (RUB)	3,7%
Dollar Index (DXY)	3,6%
Brasil (BRL)	**0,7%**
Iene (JPY)	-0,5%
Pound (GBP)	-0,6%
Canada (CAD)	-1,8%
Peru (PEN)	-3,2%
Franco Suíço (CHF)	-4,1%
Mexico (MXN)	-4,3%
Euro (EUR)	-5,0%
Coroa Sueca (SEK)	-6,7%
Chile (CLP)	-10,3%
Turquia (TRY)	-16,3%

COMMODITIES	YTD
Petróleo Brent	93,3%
Petróleo WTI	81,3%
CRB Index	**37,6%**
Zinco	28,8%
Trigo	19,0%
Soja	18,6%
Estanho	18,5%
Algodão	18,1%
Cobre	16,4%
Alumínio	5,3%
Milho	1,7%
Níquel	-7,9%
Ouro	-10,3%
Minério de Ferro	-15,8%
Café	-17,6%
Platina	-29,8%
Prata	-31,5%

TAXAS DE JUROS & BONDS

	Juros 10 anos		Juros 2 anos	
LATAM	**NÍVEL (%)**	**YTD (var. p.p.)**	**NÍVEL (%)**	**YTD (var. p.p.)**
Brasil	15,25	1,52	14,94	1,73
Chile	6,02	0,63	5,16	0,73
Colombia	13,05	0,43	12,45	1,32
Mexico	9,26	0,14	7,52	0,02
Peru	6,73	0,95	4,06	0,23
MUNDO	**NÍVEL (%)**	**YTD (var. p.p.)**	**NÍVEL (%)**	**YTD (var. p.p.)**
Estados Unidos	4,93	0,76	4,59	1,11
Alemanha	3,32	0,47	3,04	0,92
Reino Unido	5,29	0,82	4,90	1,16
Japão	2,78	0,72	1,88	0,70
China	1,63	-0,21	1,23	-0,13

Spread Soberano (CDS 5 anos)		
LATAM	**NÍVEL (bps)**	**YTD (var. bps)**
Brasil	145,55	7,22
Chile	55,41	12,71
Colombia	158,90	-50,44
Mexico	96,17	6,66
Peru	68,41	-1,86

Crédito Global		
	MTD (var.)	**YTD (var.)**
Emerging Market Soverign Bonds	-2,95%	-0,41%
Emerging Market Corporate Bonds	-1,62%	-0,11%
Developed Market High Yield Bonds	-1,47%	0,35%
Developed Market Investment Grade Bonds	-2,87%	-2,11%

Fonte: Bloomberg. Valores referentes a 30/outubro/2026.

montebravo

Disclaimer

A MONTE BRAVO CORRETORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS S.A. ("Monte Bravo"), inscrita no CNPJ/ME sob o nº 50.489.148/0001-00, é uma instituição financeira autorizada a funcionar pelo Banco Central do Brasil (BACEN) e não se responsabiliza por eventuais danos decorrentes de falhas em serviços disponibilizados por terceiros. Ressaltamos que toda comunicação realizada pela internet está sujeita a interrupções ou atrasos, podendo comprometer o envio de ordens ou a recepção de informações atualizadas. A Monte Bravo informa que os recursos de seus clientes são mantidos em conta de registro utilizada exclusivamente pela corretora para registro de operações de cada cliente, conforme previsto no Art. 12 da Resolução do Banco Central do Brasil Nº 5.008, DE 24 DE MARÇO DE 2022. Importante destacar que estas contas de registro não se confundem com as contas de pagamento mencionadas nos artigos 6º, inciso IV, e 12 da Lei nº 12.865, de 9 de outubro de 2013. Portanto, esclarecemos que os recursos mantidos em contas de registro não possuem regime jurídico equivalente ao dos recursos mantidos em conta de pagamento, nos termos previstos no art. 12 da Lei nº 12.865, de 2013.

Este material foi elaborado pela Monte Bravo para uso exclusivo do destinatário e nossos clientes, podendo ser divulgado em nosso site. É vedada a reprodução ou distribuição, no todo ou em parte, por qualquer pessoa ou propósito, sem o prévio consentimento expresso da Monte Bravo. Possui caráter meramente informativo, não constitui e nem deve ser interpretado como sendo material promocional, solicitação de compra ou venda, oferta ou recomendação de qualquer ativo financeiro, investimento, sugestão de alocação ou adoção de estratégias por parte dos destinatários. Os prazos, taxas e condições aqui contidas são meramente indicativas e a decisão final do investidor deve ser tomada levando em consideração todos os riscos, os custos e taxas envolvidas. As informações contidas neste relatório foram consideradas razoáveis na data em que ele foi divulgado e foram obtidas de fontes públicas consideradas confiáveis. A Monte Bravo não dá nenhuma segurança ou garantia, seja de forma expressa ou implícita, sobre a integridade, confiabilidade ou exatidão dessas informações. Este relatório também não tem a intenção de ser uma relação completa ou resumida dos mercados ou desdobramentos nele abordados. Os instrumentos financeiros discutidos neste material podem não ser adequados para todos os investidores. Este material não leva em consideração os objetivos de investimento, situação financeira ou necessidades específicas de qualquer investidor. Os investidores devem obter orientação financeira independente, com base em suas características pessoais, antes de tomar uma decisão de investimento. A Monte Bravo não se responsabiliza por decisões de investimentos que venham a ser tomadas com base nas informações divulgadas e se exime de qualquer responsabilidade por quaisquer prejuízos, diretos ou indiretos, que venham a decorrer da utilização deste material ou seu conteúdo. Os desempenhos anteriores não são necessariamente indicativos de resultados futuros.

Nossos analistas de valores mobiliários envolvidos na elaboração do relatório ("Analistas de Investimento"), declaram que são certificados e credenciados pela APIMEC – Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais para os exercícios de suas atividades. Declaram ainda nos termos da Resolução CVM nº 20 de 25/02/2021, que as recomendações contidas neste relatório refletem única e exclusivamente suas opiniões pessoais sobre a respectiva companhia e seus valores mobiliários e foram elaborados de forma independente e autônoma, inclusive em relação à Monte Bravo e que se eximem de responsabilidade por quaisquer prejuízos, diretos ou indiretos, que possam decorrer na utilização deste e de outros relatórios ou de seus conteúdos. A Monte Bravo:

- Considera transitórias as informações e avaliações contidas neste relatório;
- Não garante, expressa ou implicitamente, que as informações nele apresentadas estejam atualizadas ou sejam exaustivas, verdadeiras, precisas, imparciais ou confiáveis;
- Não tem obrigação de atualizar ou manter atualizadas informações nele contidas;
- Reserva os direitos de modificar, sem prévio aviso, as informações e opiniões constantes deste relatório;
- Não se responsabiliza por resultados de decisões de investimentos tomadas com base nas informações ou recomendações nele contidas; e
- Não atua como Formador de Mercado (Market Maker) das ações objeto desta análise.

As estimativas, projeções, opiniões e recomendações contidas neste relatório:

- Não dispensam a consideração de opiniões e recomendações de outras instituições especializadas no mercado financeiro e de capitais e não substituem o julgamento pessoal de quem o recebe e o lê, no todo ou em parte;
- Não levam em consideração as circunstâncias específicas dos investidores, tais como perfil de investidor (Suitability), objetivos de investimento, situação financeira e patrimonial e tolerância a risco, podendo não ser adequadas para todos os investidores, sendo recomendada uma consideração extensiva destas circunstâncias antes da tomada de qualquer decisão;
- Estão isentas de conflito de interesse por parte de seus elaboradores;
- Estão sujeitas a alterações sem prévia notificação e podem diferir ou ser contrárias a opiniões expressas anteriormente pela Monte Bravo, por outras instituições financeiras do mercado e mesmo de outras áreas de atuação da Monte Bravo, que podem se fundamentar em hipóteses e critérios diferentes dos adotados na elaboração deste relatório; e
- Decorrem de julgamento e de opiniões formadas livremente pelos analistas da Monte Bravo encarregados das análises da economia, de cada companhia emissora e de cada ação, e baseadas em critérios técnicos por eles aceitos como consistentes com os fins a que se destinam.

Este relatório não pode ser copiado ou distribuído, total ou parcialmente para qualquer finalidade, sem o consentimento expresso da Monte Bravo.